

[apresentação]

Por um mundo onde caibam muitos mundos: Literaturas do Sul Global

DOSSIÊ

Maryllu de Oliveira Caixeta

Este **DOSSIÊ**, intitulado *Por um mundo onde caibam muitos mundos - Literaturas no Sul Global* propõe um encontro entre vozes críticas e poéticas comprometidas com o deslocamento dos centros de fala e com a reinvenção dos modos de pensar o mundo a partir do Sul Global. A diversidade de perspectivas reunidas nesta edição — que atravessam campos como a estética, a filosofia, a teoria literária e os estudos decoloniais — aponta para uma mesma urgência: repensar as formas de imaginar o humano e o comum diante das ruínas do projeto moderno e eurocêntrico. Trata-se, portanto, de um convite à escuta e à tradução recíproca entre mundos, linguagens e sensibilidades, no esforço coletivo de pensar a literatura e a arte como forças de transformação simbólica, política e existencial.

Além dos artigos reunidos, este número da revista **fólio** presta homenagem ao poeta Gramiro de Matos (1944-2024), figura decisiva da contracultura e da poesia brasileira dos anos 1970, cuja obra — marcada por experimentação e silêncio — continua a desafiar os limites da linguagem e da representação. A homenagem a Gramiro de Matos é assinada por Leonardo D’Dávila, que além de conhecer em detalhes a obra do poeta, como demonstra seu ensaio, também tem outras publicações sobre o poeta, como a apresentação do *A conspiração dos búzios*, editado pela Cultura e Barbárie, em 2016, com sua colaboração.

A rara primeira edição artesanal do A conspiração dos búzios, realizada em 1978, traz a seguinte dedicatória manual de Gramiro de Matos a Manuel de Seabra: “Para o velho amigo Seabra, com admiração, do Gramiro. Lisboa, 1979”. Agradecemos ao Jordi Cerdà ter nos cedido uma cópia desse documento, que é parte do acervo do arquivo de Manuel de Seabra, e que está aos cuidados de Cerdà, na Universitat Autònoma de Barcelona. No próximo número, a seção **ARQUIVO** trará as contribuições de Gramiro de Matos para a revista de vanguarda catalã Pasárgada (1976), que também pertence ao acervo de Seabra, gentilmente compartilhado com a **fólio** por Cerdà.

Com satisfação, compartilhamos neste **DOSSIÊ** a tradução de um texto do pensador Ramón Grosfoguel, que amplia a discussão sobre colonialidade e epistemologias plurais, revisando o conceito de racismo em Michel Foucault. Além disso, desfrutamos com os leitores da **fólio** uma breve apresentação da exposição realizada pela artista plástica Silvia Della Maddalena, no Museu de Arte Contemporânea Latino-Americana, em 2024: *Un jardín, una crisálida, un vuelo*. A instigante antologia têxtil traz uma série de peças de tecelagem elaboradas a partir do mundo feminino andino. Juntos, a homenagem ao poeta, essas imagens, os artigos e ensaios aqui reunidos compõem um gesto de resistência e criação: entre a crítica e a poesia, entre a memória e o porvir, o busca afirmar o direito de existir e pensar a partir **DOSSIÊ** e muitos mundos, sem que nenhum deles se pretenda o centro.

Os artigos e ensaios reunidos neste **DOSSIÊ**, embora diversos em foco e abordagem, convergem na reflexão sobre como literatura, filosofia e arte se entrelaçam com a história, a política e a cultura, oferecendo novos olhares sobre o passado, o presente e o futuro. De Byron Vélez Escallón a Jordi Cerdà Subirachs, passando por Livia Penedo Jacob, Roberto Acízelo de Souza, Larissa Costa da Mata, Anita Martins Rodrigues de Moraes e Gabriel Salazar, cada autor revela, a seu modo, a potência transformadora do pensamento crítico e da criação estética. Seja na melancolia como motor de inovação, na Amazônia como vórtice histórico, na poesia angolana ou brasileira, na intervenção do intelectual angolano Barbeitos acerca das conceituações colonialistas de nacionalidade e de etnia, na reflexão sobre o lugar incômodo da história da literatura na contemporaneidade, ou na crise do humanismo e da metafísica afetando a arte, o que se evidencia é a capacidade da produção intelectual de interrogar realidades estabelecidas, problematizar identidades e renovar

sentidos. Em conjunto, esses textos convidam o leitor a reconhecer a vitalidade das linguagens culturais e literárias como instrumentos de conhecimento e de intervenção, reafirmando a importância de olhar para o presente com sensibilidade histórica, imaginação crítica e coragem ética.

Byron Vélez Escallón

O artigo “Walter Benjamin, melancolias”, de Byron Vélez Escallón, trata do significativo “melancolia” no pensamento de Benjamin, propondo uma leitura de algumas das ocorrências e nuances políticas desse significativo. Começa apoiando-se em uma citação de Benjamin para confirmar seu questionamento de um certo conforto estranhamente produzido por esse afeto nas esquerdas. Benjamin propõe uma organização do afeto melancólico, e de procedimentos imagéticos associados a ele, para intervir nos processos históricos de eliminação, de rotinização da catástrofe. Com Susan Sontag, o artigo relaciona melancolia clássica e depressão contemporânea. Articula essa informação de Sontag ao contexto das vanguardas vivido por Benjamin, e considera as reflexões de Mark Fisher sobre a depressão que também tinha sido um afeto motivador de procedimentos de vanguarda elaborados durante períodos sentidos como uma espécie de longa ressaca, sensação recorrente nas décadas neoliberais dos anos 2000. De modo surpreendente, Benjamin e Fisher encontram energia utópica na melancolia dos vencidos e nos fantasmas depressivos de suas épocas, ou seja, em uma espécie de conexão criativa com o presente, capaz de modificar a perspectiva sobre o passado e alterar radicalmente as expectativas quanto ao futuro.

Com Dussel, o artigo assinala que Benjamin, como pensador semita, sabia haver “espírito”/transcendência nas ruínas, em cada fragmento de matéria, por mais que a materialidade de um dado histórico esteja desconectada (diaspórica, vitimada por genocídio, por invasões, por desapropriação, etc). Por isso, pode-se ter uma reminiscência criadora a partir de um fragmento, e com ele recriar o presente, especialmente em momentos de risco (de morte), de perigo.

Certa fixação nas significações da morte, várias vezes reafirmada, conforme demonstra a extensa iconografia da melancolia, foi se transformando ao longo da história e assumindo formas estéticas diferentes, em cada época, e sempre explorando a riqueza significativa de imagens artificialmente

combinadas. O artigo demonstra como a morte foi sentida, ao longo dos séculos modernos, como ameaça à necessidade de criar: por comentadores da ruína do Estado absolutista no XVII; pelo tédio vivido nas cidades emergidas da revolução industrial; pela profunda perda de sentido sofrida por europeus ante o fascismo; pela epidemia de depressão na era neoliberal... Mas como todo esse sopro de morte acaba também tendo um efeito renovador da significação das imagens, a ameaça moderna à capacidade de criar da imaginação, identificada por Baudelaire na sintomática esterilidade do tédio burguês, tem ativado as possibilidades criativas do tédio como se realojasse as formas estéticas modernas em algo semelhante à antiga acédia, ou seja, na voragem do nada sentida pelos ermitões durante a tentação no deserto. A fixação do olhar moderno na morte (seja na neurose dos últimos reis absolutistas, na esterilidade do tédio burguês, no trauma, ou na depressão) levou pintores, poetas e intelectuais a confrontarem a historicidade do sentido como constructo, o que abriu caminho para explorarem a potência operacional da espacialidade das imagens, ou seja, para explorarem a significação com um processo em aberto, cuja vitalidade desafia as determinações letais cravadas pela imaginação da história moderna. Nessa chave transversal, o artigo incita seus leitores a relacionarem o motor melancólico da alegoria barroca, do *spleen*, das vanguardas, e do pop, mas não para encontrar uma confortável autocomplacência de esquerda nessa melancolia, e sim para observar suas vias de transformação em força criativa que pode ser organizada para intervir no presente.

Livia Penedo Jacob e Roberto Acízelo de Souza

O artigo “História da Literatura Brasileira: do princípio ao precipício”, de Livia Penedo Jacob e Roberto Acízelo de Souza faz uma síntese dos processos de ascensão e declínio das disciplinas dedicadas aos estudos das letras e da literatura. Os autores convidam-nos a refletir sobre que materiais de apoio se mostrarão pertinentes ao ensino de literatura, no século XXI.

A partir do século XIX, surge no campo das letras uma nova disciplina voltada ao estudo sistemático das produções literárias: a história da literatura. No Brasil, por volta de meados daquele século, a literatura brasileira, concebida sob um viés historiográfico, passa a integrar os currículos escolares, acompanhada da publicação de compêndios destinados ao seu ensino. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, a teoria da literatura

começa a disputar espaço com a história da literatura, e, posteriormente, com os estudos culturais, fenômeno que consolida a diminuição do interesse pelas grandes estratégias discursivas da historiografia do século XIX.

Antes do século XIX produzir a emergência da história da literatura, a reflexão sobre as práticas linguísticas e literárias se concentrava nas chamadas disciplinas antigas do discurso — gramática, retórica e poética. De natureza especulativa e normativa, essas áreas dominaram o ensino das letras durante séculos, consolidando-se em manuais, tratados e compêndios voltados à formação do bom orador e do bom escritor. A longa duração de tais disciplinas deve-se à ideia de que o domínio da linguagem e dos gêneros literários se baseava em princípios universais muito sólidos, e pouco afetados pela constância das mudanças em cada tempo. A emergência da história da literatura representou, portanto, uma ruptura com essa concepção clássica e antiga, ao conceber uma aceleração da dimensão histórica e evolutiva das formas literárias.

A consolidação da história da literatura como disciplina autônoma reflete a valorização, no século XIX, do método histórico como fundamento do saber moderno. A multiplicação de campos especializados — história natural, história da filosofia, linguística histórica — decorre dessa sensibilidade temporal, que passou a buscar compreender o fluxo e as transformações das ideias. Entretanto, a ascensão da história da literatura não eliminou de imediato as disciplinas antigas, que continuaram a ocupar espaço nos currículos até o início do século XX. Nesse período, o historicismo literário, dominante até meados do século, começaria a declinar diante do avanço de outra disciplina: a teoria da literatura, cuja institucionalização ocorreu entre as décadas de 1950 e 1960, quando passou a figurar oficialmente nos cursos de Letras.

Configurada como uma disciplina de caráter modernista e analítico, a teoria da literatura deslocou o foco da tradição historicista, privilegiando o estudo da obra como objeto estético autônomo, em detrimento de seus contextos históricos e referenciais. No entanto, a partir dos anos 1990, essa perspectiva começou a perder centralidade, acompanhando o esgotamento das “grandes narrativas” e a crescente influência dos estudos culturais, que passaram a propor abordagens multidisciplinares. A questão é: dada a abrangência dessas abordagens, e a recusa de qualquer perspectiva totalizante, como o ensino de literatura definirá seus materiais de apoio?

Larissa Costa da Mata

No ensaio “O vórtice amazônico de Euclides da Cunha”, Larissa Costa da Mata estuda o modo como esse autor produz imagens da Amazônia distanciadas da perspectiva dos naturalistas. Larissa da Mata destaca a perspectiva de *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem* (1990), no qual Flora Süssekind analisa narrativas do século XIX marcadas pela tentativa de construir uma historiografia literária nacional a partir da “cor local”, eixo central do projeto nacionalista. Nesse contexto, Euclides da Cunha se destaca por romper com a tradição dos viajantes naturalistas, ao propor, em seu inacabado *Paraíso perdido*, uma escrita que busca desvincular a paisagem de sua mera visualidade. Em *À margem da história* (1909), texto integrante desse projeto, o autor oferece uma leitura da Amazônia que desafia o discurso científico de figuras como Wallace e Humboldt, descrevendo a floresta como um vórtice devorador da matéria, no qual natureza e homem se confundem em um processo contínuo de dissolução — uma concepção que o aproxima de autores como Alberto Rangel e Eustasio Rivera.

A partir dessa perspectiva, Euclides concebe a relação entre homem e terra como uma experiência marcada pela ausência e pela espectralidade, antecipando discussões contemporâneas sobre a presença-ausência do indígena na cultura brasileira. Sua visão da origem, mais próxima de uma vertigem genealógica do que de um ponto fixo, ecoa as reflexões de Walter Benjamin e Friedrich Nietzsche, para quem todo começo implica rupturas e descontinuidades históricas. Assim, a paisagem amazônica se torna, em sua escrita, um palimpsesto temporal, onde o passado colonial e o presente republicano se sobrepõem em um jogo de sobrevivências e apagamentos.

A floresta e o indígena, figuras centrais da imaginação nacional desde o romantismo, ganham em Euclides da Cunha uma nova dimensão. Se, no romantismo, simbolizavam uma fundação idealizada da nacionalidade, no autor de *Os sertões* assumem contornos instáveis e desgeograficantes, próximos do impulso modernista de reconfigurar o território pela linguagem. A Amazônia, para ele, é um espaço em devir, ainda em processo de formação, onde a vida e a história permanecem em estado latente. Tal visão está presente não apenas em *À margem da história*, mas também em textos como o prefácio de *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel, e em outros escritos de

sua fase amazônica, nos quais a floresta surge como uma entidade enigmática, múltipla e inacabada.

Nessa perspectiva, a Amazônia euclidiana é uma paisagem movente, ilusória e inconstante, e o homem que nela habita ocupa uma posição liminar, excluído das narrativas oficiais da nação. Os tipos humanos que emergem de sua obra — seringueiros, caucheros e indígenas — são expressões desse começo errante e vertiginoso, marcados pela luta de adaptação a um ambiente que é, ao mesmo tempo, matéria viva e abismo. Assim como o jagunço do sertão, esses sujeitos encarnam o cruzamento de tempos e espaços, revelando a tentativa de Euclides da Cunha de elaborar uma geografia das origens, na qual a natureza, mais do que o homem, se converte na verdadeira narradora da história.

Anita Martins Rodrigues de Moraes

Anita Martins Rodrigues de Moraes contribui com esse **DOSSIÊ**, apresentando-nos o ensaio “Quando chove rebentam os troncos: etnicidade e nacionalismo na poesia e no pensamento do intelectual angolano Arlindo Barbeitos”. Moraes traça um panorama dos livros de poemas do escritor angolano, publicados de 1976 a 1998, que vão progressivamente colocando em questão certas noções de “nação”, “etnia” e “língua”. O artigo demonstra que a tese de Barbeitos, intitulada *Angola-Portugal: Representações de si e de outrem ou o jogo equívoco das identidades* (2011), questiona as “unidades tribais” idealizadas pelas etnologias coloniais e conservadas nos discursos nacionalistas. A autora questiona os limites da visão unitária (o tronco linguístico de uma etnia funcional que evolui para uma nação moderna) implicada nesses discursos nacionalistas. A independência política produziu desafios de elaboração crítica de noções fundamentais, e escritores como Barbeitos foram particularmente sensíveis a eles, mantendo-os em seu horizonte ao longo das décadas.

No pós-independência, a preocupação do poeta com a elaboração formal de um português angolano em processo de transformação, desenvolvido em um rico contexto de multilinguismo, desponta na entrevista-prefácio do *Angola, Angolê, Angolema*, de 1976. Pouco depois, em 1979, já no título do livro *Nzaji* (Sonho), escrito em Kimbundu, explicita seu comprometimento com a transformação racional, não idealizada, de seu mundo angolano. O poeta

realiza essa tarefa, recorrendo à recursos da poesia oral, para reverter a desagregação colonial da cosmologia africana.

Em entrevista a Michel Laban, Barbeitos pronuncia-se sobre sua discordância em relação à tendência à homogeneização étnica promovida pelas políticas culturais do Estado-nação, e por outro lado defende a necessidade da multiplicidade étnica não se tornar um fator de fragmentação nacional pela via de conflitos bélicos, a exemplo do já ocorrido em nações vizinhas. Ao lado dos riscos políticos, as formulações do processo de construção de Angola pelos intelectuais chegaram a sínteses étnicas e a historicismos evolucionistas aos quais Barbeitos respondeu criticamente em seus poemas. Na sua tese, enfatizou o efeito de fragmentação surpreendentemente produzido pela própria etnologia angolana que continuava reproduzindo categorias etnográficas do período colonial.

Ao avaliar discursos nacionalistas angolanos, Barbeitos revisa sua afinidade de juventude para com o romantismo alemão, que formulou os pressupostos dos nacionalismos europeus. Em solo angolano, essa apropriação da perspectiva europeia sobre o nacionalismo produziu o contrário do que o jovem Barbeitos esperava.

Moraes assinala o percurso do pensamento crítico de Barbeitos, primeiro em relação às sínteses sociológicas do que seria o angolano, em seguida no interesse pela notação antropológica da multiplicidade étnica, e por fim na necessidade de perspectivação histórica e epistêmica dessas notações que, quando não são cuidadosamente situadas, acabam categorizando de modo redutor e instrumentalizando as próprias etnias descritas. “Tal recuo ou reposicionamento permitiu que Barbeitos apontasse a violenta expansão de uma *episteme* particular, então alçada à condição de universal, isto é, que flagrasse, ainda nos projetos nacionalistas revolucionários, a herança colonial e mortal de um terrível epistemicídio.”

Gabriel Salazar

O ensaio “Eticidad de la estética”, de Gabriel Salazar, propõe uma reflexão sobre o fim da arte em relação ao fim da metafísica e à decadência do humanismo eurocêntrico, situando essa crise no contexto social e filosófico da pós-modernidade. O texto relaciona o “fim da arte” com o fim da metafísica e a crise do humanismo eurocêntrico. Ele se move dentro do campo da filosofia

pós-moderna e pós-colonial, criticando a ideia de uma verdade universal, objetiva ou racional — ou seja, critica a razão instrumental ocidental.

A metafísica apresenta-se como linguagem analógica, lógica e superior à ambiguidade do mito. A estrutura analógica da metafísica toma a realidade como mito e, por isso, só pode referir-se a essa realidade em sentido negativo, paralelo, alusivo ao sentido mítico da realidade. De modo semelhante, a obra de arte assume essa função de ente metafísico antropológico, que em sua negatividade filosófica, em sua condição fragmentária de linguagem, não pode totalizar mas apenas aludir metaforicamente ao sentido mítico da realidade.

Como resistência ao silêncio imposto pelo modo metafísico de interpretar o mundo, o texto literário não precisa confundir-se com as totalizações totalizadoras, eloquentes, e potencialmente paralisantes dos mitos. Assim como a obra de arte, o texto literário pode assumir seu lugar de representação da vontade do sujeito, em chave romântica; e pode atualizar a história da metafísica como desvelamento do “ser aí”, do ser lançado.

Na pós-modernidade, o humano, o ente, desafia o ser, introjetando o mundo, e assumindo o lugar que a modernidade tinha reservado aos movimentos de encobrimento e revelação do ser. Na ontoteologia heideggeriana do ser, a obra de arte definia-se como fusão do ente ao ser, o que resultava em fetiche do ego antropocêntrico. A saída pós-moderna evidencia essa fragilidade da concepção moderna de arte. Este artigo convida o leitor a refletir sobre a decadência do humanismo, pensando-a como resultado dessas limitações da metafísica moderna.

Salazar entende a pós-modernidade como o momento em que o humano desafia o ser, revelando a fragilidade da concepção moderna de arte e do próprio humanismo. A ontoteologia heideggeriana, que via na arte a fusão entre ser e ente, é substituída por uma visão fragmentária e crítica, em que a obra de arte se torna um gesto de libertação simbólica frente à decadência da metafísica. Assim, a “morte do humanismo” não é apenas o colapso de um sistema de pensamento, mas a possibilidade de repensar o humano e a arte fora do eurocentrismo, inaugurando um horizonte em que a verdade se revela não pela razão, mas pela experiência estética e pela pluralidade das linguagens.

Jordi Cerdà Subirachs

Nesse **DOSSIÊ**, como um dos textos de homenagem ao poeta Gramiro de Matos, temos o artigo de Jordi Cerdà Subirachs “Princípio de nostalgia: sobre a *Antologia da Novíssima Poesia Brasileira* (1981), de Gramiro de Matos e Manuel de Seabra”. O artigo discorre sobre a antologia organizada pelo poeta baiano Gramiro de Matos & Manuel de Seabra, o escritor português e notável antologista. Em seção exclusivamente dedicada a homenagear o poeta Gramiro de Matos, também temos um ensaio de Leonardo D'Ávila, que é estudioso e editor do Gramiro. Esse número da **fólio** homenageia Gramiro de Matos, meses depois de sua morte em dezembro de 2024. Estamos contentes porque essa homenagem acontece na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que é vizinha de dois dos mais relevantes poetas dos anos de 1970. Silvano Santiago considerou Gramiro de Matos o maior poeta de curtição dos 70's, nascido e criado em Guaíba, editor e amigo do Waly Salomão de Jequié, sendo que ambos circularam em Portugal e na Espanha, com os ventos da libertação que foram da África à Revolução dos Cravos.

O artigo "Princípio de nostalgia", de Jordi Cerdà Subirachs, é uma contribuição consistente para os estudos de poesia brasileira. O artigo situa o trânsito transcontinental da antologia à tendência revolucionária das antologias do escritor português Manuel de Seabra, vinculando-os à utopia de um multilinguismo internacionalista também presente no *Urubu-Rei* (1972) de Gramiro de Matos, assim como na revista de vanguarda catalã *Pasárgada* (1976). O artigo contrasta a literatura que circulava nas malas diplomáticas em trânsito ibérico e o circuito, desconectado do Itamaray, percorrido pela antologia portuguesa de Seabra & Gramiro, a “novíssima”, curiosamente publicada em Portugal cerca de longos quatro anos depois da homenagem vanguardista já feita na Cataluña. Quando as definições do novo/moderno, exportado com notável eficácia da literatura brasileira moderna pós-50 para a Europa, tinham como *telos* o modelo concretista, a “novíssima poesia” selecionada por Seabra & Gramiro foi celebrada muito mais rapidamente na Cataluña, onde utopia multilíngue e perspectiva política fizeram mais essa feliz convergência histórica.

Jordi Cerdà observa que a circulação da poesia de Gramiro de Matos fora do continente Americano esteve ligada a relações sustentadas pelo aparelho do Ministério das Relações Exteriores. Esse tipo de vínculo entre a circulação

transcontinental de literatura e os funcionários das Relações Internacionais acontecia em praticamente toda América Latina, mas teve uma visada maior no caso de escritores brasileiros, por razões que o autor examina.

A “Antologia da novíssima poesia brasileira” (ANPB), organizada pelo escritor português Manuel de Seabra e por Gramiro de Matos sucedeu outras antologias da nova poesia de língua portuguesa que circulava em Portugal, onde o concretismo teve impacto significativo justamente por simbolizar o novo e o moderno em poesia.

Pode parecer inusitado a alguns que a literatura brasileira tenha tido impacto em literaturas europeias, na segunda metade do século XX, e isso não se deu apenas em Portugal. O próprio João Cabral de Melo Neto também foi um divulgador da poesia concreta na Espanha.

Portugal, Espanha e Brasil tinham em comum regimes autoritários e modernidade cultural, o que criava uma relação complexa entre seus escritores, em relação a deficiências democráticas radicadas no colonialismo. No caso dos escritores brasileiros, tradicionalmente envolvidos nessas trocas literárias transcontinentais com literaturas europeias, vários deles estavam ligados ao Itamaraty. Mas a antologia organizada por Gramiro de Matos e Manuel de Seabra aconteceu, inusitadamente, fora desse circuito.

A parceria de Gramiro de Matos com Manuel de Seabra teve um fundo visionário que Jordi Cerdá evidencia quando traça o perfil do escritor português. Organizador de várias antologias - que incluíam poemas de Mao Tse-Tung, poesia soviética e ficção Africana - Manuel de Seabra devotava-se a um anti-imperialismo manifesto em seu internacionalismo linguístico e em seu entusiasmo pelo Esperanto.

Assim como Manuel de Seabra, Gramiro de Matos esteve bastante interessado na pluralidade linguística, cultural, da América Latina, o que expressou particularmente no seu *Urubu-Rei*, e nos seus poemas publicados na revista de vanguarda catalã *Pasárgada*, publicada no contexto da Revolução dos Cravos, que Jordi Cerdá compreende como um evento de condição multiterritorial.

Este **DOSSIÊ** revela como literatura, filosofia e arte se entrelaçam, não apenas como registro do passado, mas como instrumentos vivos de pensamento crítico e intervenção no presente. Das reflexões sobre melancolia e depressão à Amazônia como espaço em devir, da poesia angolana à

circulação transcontinental da literatura brasileira, cada texto ilumina modos de recriar sentidos, desafiar narrativas hegemônicas e repensar identidades. Em sua diversidade, essas abordagens convergem na mesma chave: a força transformadora da criação e do pensamento, capaz de abrir novas perspectivas sobre o humano, a história e a experiência estética.

Ramón Grosfoguel [tradução]

A seção **repertórios em tradução** deste número está honrada por trazer em língua portuguesa o instigante ensaio de Ramón Grosfoguel “O conceito de racismo em Michel Foucault e Frantz Fanon: teorizar a partir da zona do ser ou da zona do não-ser?”

Neste ensaio, Grosfoguel examina a gênese histórica do racismo no contexto do sistema-mundo, bem como a elaboração conceitual desse fenômeno. Propõe-se a desenvolver uma perspectiva alternativa sobre o racismo e sua trajetória histórica. Dada a relevância do pensamento de Michel Foucault para o campo crítico contemporâneo, torna-se essencial submeter sua interpretação do racismo a uma análise comparativa com a de Frantz Fanon, cuja abordagem decolonial oferece importantes contrapontos teóricos.

A primeira seção dedica-se à exposição e análise da concepção foucaultiana de racismo. A segunda apresenta uma narrativa histórica distinta acerca da emergência do racismo, em contraste com a proposta de Foucault. Já a terceira seção discute a teoria fanoniana do racismo, suas implicações epistêmicas e os diálogos possíveis com a sociologia decolonial de Boaventura de Sousa Santos. Por fim, o ensaio explora as consequências políticas do conceito de racismo em Fanon, especialmente em relação ao antiessencialismo radical característico das teorias produzidas a partir do Norte global.

Jordi Cerdà Subirachs [tradução]

Outra tradução trazida por este número da **fólio** é a do artigo “A aventura de *Pasárgada*” de Jordi Cerdà Subirachs. Para nós, é uma alegria publica-lo porque trata-se de uma análise bastante significativa e detalhada, com base em cuidadoso estudo de arquivo, sobre a utopia linguística de escritores ibéricos. Entre as publicações mencionadas no artigo, enfatizamos a da revista de vanguarda *Pasárgada*, que deu centralidade a textos do poeta brasileiro Gramiro de Matos, homenageado neste número da **fólio**.

Por volta da década de 1960, o escritor português Manuel de Seabra esteve à frente de diversas iniciativas editoriais de caráter internacionalista e revolucionário, guiadas por um ideal linguístico que valorizava tanto o multilinguismo ibérico quanto o esperantismo. Entre essas publicações, destaca-se a revista *Pasárgada*, uma experiência de vanguarda que reuniu autores de várias regiões da Península Ibérica e também o brasileiro Gramiro de Matos, então engajado nas lutas de libertação africanas. O artigo examina esse cenário literário transnacional, traçando um panorama das publicações e escritores que partilhavam desse *pathos* poético, cuja força se irradiou especialmente a partir da Catalunha.

Tomar a vida como uma aventura foi uma atitude definidora da trajetória de Seabra — um gesto de ousadia intelectual e existencial raro entre seus contemporâneos. Ainda jovem, deixou Portugal e percorreu diversos países — França, Brasil, Inglaterra, Tchecoslováquia, Suécia — exercendo múltiplas atividades, em busca de constituir-se como escritor. Inspirado pelos poetas *beat* que traduziu e admirava, viveu intensamente entre fronteiras e culturas. No início dos anos 1950, estabeleceu-se em Barcelona, cidade que o seduziu sobretudo pelo esperantismo, movimento que o fascinava desde a juventude e que via como uma via de acesso a uma cultura plural e sem fronteiras.

Na Catalunha, Seabra integrou-se ao movimento esperantista local, próximo ao linguista Delfí Dalmau, figura central da Akademies de Esperanto. Desde o início do século XX, o esperantismo catalão desenvolvia uma rede ativa de escritores e intelectuais comprometidos com a utopia linguística e literária, pioneiros inclusive na ficção científica em catalão. A influência dessa visão sobre Seabra tornou-se evidente em projetos como *Pasárgada*, revista que adotava um modelo igualitário de plurilinguismo, colocando em pé de igualdade todas as línguas peninsulares. A partir dessa perspectiva, Seabra reinterpretou o conflito linguístico colonial português sob uma ótica ecolinguística, em sintonia com o pensamento de Dalmau.

Publicada em 1976, a *Pasárgada. Revista de Cultura* apresentou-se em cinco línguas — basco, espanhol, catalão, galego e português — e reuniu dezenove colaborações voltadas à literatura e à política do período revolucionário. Mais do que uma revista, era um projeto de autogestão editorial, expressão de um ideal iberista e internacionalista, que buscava criar uma comunidade literária interpeninsular. Nesse contexto, o manifesto

“Projecto de exPoesia”, de Gramiro de Matos, sobre a Revolução Afro-Portuguesa, sintetizava o espírito libertário da publicação. A *Pasárgada* materializava, assim, um antigo sonho de solidariedade entre os povos ibéricos — um gesto de resistência cultural e política em meio às transformações do pós-franquismo e das revoluções lusófonas.

Homenagem a Gramiro de Matos

Tivemos a honra rara de conversar com Gramiro de Matos pouco antes de sua morte, em uma entrevista transmitida em 23 de outubro de 2024, durante o evento *Por um mundo onde caibam muitos mundos - Literaturas do Sul Global*.¹ A conversa, conduzida sob a curadoria de Maryllu de Oliveira Caixeta, em seu pós-doutorado na UESB, supervisionado por Cássio Borges, revelou um homem consciente de sua travessia e do tempo que lhe restava. Gramiro, que viveu entre o esplendor da juventude poética e a sombra do esquecimento, parecia reencontrar na palavra — essa companheira primeira — o gesto de despedida e reconciliação com a vida.

Silviano Santiago, em *Os abutres*, o recordou como um dos grandes nomes da literatura de “curtição” dos anos setenta, ao lado de Torquato Neto e Waly Salomão — poetas que, como ele, reinventaram a língua e o corpo da poesia brasileira. Gramiro participou desse impulso tropical, marginal e contracultural que produziu como literatura uma voz dos trópicos com a vibração do improvisado. Mas sua obra foi além do experimentalismo: ela sonhou uma linguagem nova, mestiça, livre das amarras da sintaxe e das hierarquias culturais. Sua poesia se fez também reflexão política e filosófica, num esforço de libertação estética e histórica.

Sua estreia, *Urubu-Rei* (1972), foi um marco. A escrita densa e repleta de cortes, neografias e vazios fez do livro uma experiência de leitura radical — um verdadeiro mosaico da língua em transe. Naquele texto fragmentário, o leitor se perdia e se encontrava, como quem atravessa uma floresta de sons e silêncios. O jovem Ramiro Matos, que se tornaria Gramiro de Matos em homenagem a Gregório, abria ali um território de invenção que o colocaria entre as vozes mais singulares da literatura brasileira. Logo vieram *Os morcegos estão comendo os mamões maduros* (1973) e uma série de textos

¹ Essa entrevista está disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=j083gMaOvFE&t=11s>
Também houve uma espécie de ensaio dessa conversa, que está disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=071cSr-e1mk&t=1303s>

que registravam, entre o delírio e o corte, o trauma da repressão e a poesia como resistência à violência.

Esse **DOSSIÊ** traz três textos que podem ser considerados homenagens a Gramiro de Matos. Dois deles são de Jordi Cerdà Subirachs: o “A aventura de Pasárgada”, traduzido ao português por Maryllu Caixeta, e o “Princípio de nostalgia”. O terceiro texto é uma homenagem propriamente dita. Nele, Leonardo D’Ávila faz uma apresentação da obra literária e intelectual de Gramiro de Matos.

Em “Os silêncios em Gramiro de Matos”, Leonardo D’Ávila lembra que o silêncio em sua obra se manifesta sob muitas formas — o silêncio formal da palavra rarefeita, o silêncio como exílio, como violência, como ostracismo e, por fim, como morte. O silêncio foi, para Gramiro, mais que ausência: foi a forma mais radical de dizer. O corte, o intervalo, o gesto interrompido — tudo isso transformou-se em linguagem. Na impossibilidade de dizer tudo, o poeta escolheu o intervalo como sua morada. O silêncio de Gramiro nunca foi passividade, mas meditação sobre os limites da voz e da história.

Entre 1974 e 1978, Gramiro viveu fora do Brasil, mergulhado em uma pesquisa sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa, viajando por Lisboa e pelos países africanos recém-independentes. Esse período marcou uma virada em sua vida e obra. O autor que havia nascido da contracultura reencontrou-se com a dimensão política da palavra e com o drama das descolonizações. Em *A Conspiração dos Búzios*, buscou uma escrita universal, de quem compreende que a libertação de um povo é também a libertação da linguagem. Mas esse mesmo mergulho pareceu consumi-lo: ao retornar ao Brasil, Gramiro aproximou-se do silêncio definitivo, abandonando gradualmente a ficção.

Os anos 1980 trouxeram o ostracismo — e com ele, a dureza da reinserção em um país que já não ouvia as vozes da utopia. A academia, à qual se ligou com trabalhos pioneiros sobre literatura africana, não o compreendeu inteiramente. Seu estilo ensaístico, híbrido, avesso aos modelos estruturalistas e marxistas então em voga, foi recebido com reserva. A conjuntura política, marcada pela redemocratização e pela crise econômica, tampouco favorecia um autor que escrevia com independência e inquietação. Gramiro não foi silenciado por complôs, mas por uma forma mais sutil de silêncio: o da indiferença.

Há, no entanto, grandeza nesse desaparecimento. Como Glauber Rocha, seu conterrâneo e amigo, Gramiro compreendeu que o gesto de ruptura tem um preço alto. Ambos foram artistas que ousaram ser cosmopolitas sem renunciar à sua raiz brasileira e baiana. O silêncio, em Gramiro, talvez seja a extensão natural de uma vida entregue à contradição — entre o grito e o recolhimento, o corpo e o mito, a contracultura e a solidão. Em seu exílio, sua marginalidade e seu afastamento, há uma fidelidade comovente à própria arte.

Hoje, ao lembrar Gramiro de Matos, celebramos não apenas o poeta, mas o homem que acreditou na poesia como território de descolonização da linguagem e do espírito. Celebramos o jovem que fez do verbo um tambor, o pesquisador que levou a literatura africana à universidade brasileira, o intelectual que uniu a Bahia ao mundo. Em seu silêncio final, há um eco que não se extingue: o da palavra que, mesmo esquecida, continua a abrir caminho entre nós. Que esta homenagem — nas vozes de Jordi Cerdà Subirachs, Leonardo D'Ávila, Maryllu Caixeta e todos os que o leram — sirva como testemunho de que o poeta, apesar de seu duradouro ostracismo, precisa ser ouvido.

Maryllu de Oliveira Caixeta

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Professora do Instituto de Letras - ILE-UERJ